MULHERES EM AÇÃO EM UM EVENTO CULTURAL E SOCIAL EM SOROCABA

WOMEN IN ACTION AT A CULTURAL AND SOCIAL EVENT IN SOROCABA

Vânia Gutierrez Siems

Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1893456364486834>

E-mail: vania.siems@gmail.com

Resumo: Este artigo teve como objetivo descrever as experiências de artistas mulheres que participam da Feira do Beco do Inferno, um evento cultural e social que acontece na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo. As experiências foram relatadas pelas próprias artistas e observadas diretamente durante a participação na Feira. O objetivo foi conhecer suas ações dentro do evento e compreender as dinâmicas de participação política e social dessas mulheres na sociedade, em busca de desvendar os papéis que representam na luta por uma sociedade mais justa, igualitária e menos preconceituosa. Foram analisadas suas contribuições para a reflexão política, os entraves que enfrentam e a visibilidade que o evento lhes proporciona. A pesquisa, de metodologia qualitativa, investigou as trajetórias e os significados desse evento, que se demonstrou um grande movimento social, potencialmente influente na comunidade, indo ao encontro de pesquisas que demonstram a importância dos movimentos sociais e do espaço de representatividade para mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Movimento social. Evento cultural.

Abstract: This article aimed to describe the experiences of women artists who participate in the Feira do Beco do Inferno ("Hell's Alley" Fair), a cultural and social event held in the city of Sorocaba, in the state of São Paulo, Brazil. The experiences were reported by the artists themselves and directly observed during their participation in the Fair. The aim was to understand their actions within the event and to comprehend the dynamics of political and social participation of these women in society, in an effort to uncover the roles they play in the struggle for a fairer, more equal, and less prejudiced society. Their contributions to political reflection, the challenges they face, and the visibility the event provides them were analyzed. This qualitative research investigated the trajectories and meanings of this event, which has proven to be a major social movement with potential influence on the community, aligning with research that highlights the importance of social movements and representational spaces for women.

Keywords: Women. Social movement. Cultural event.

Introdução

O campo de estudo desta pesquisa encontra-se na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo, mais especificamente dentro de um evento cultural iniciado em 2016, que se chama “Feira do Beco do Inferno” e se constitui em um espaço para artistas locais exporem e comercializarem suas obras em estandes montados ao ar livre, ao redor de uma grande praça na região central da cidade.

Além de divulgarem e venderem suas obras, os artistas mostram-se empenhados em propagar pautas sociais e políticas, por meio de suas criações e de uma programação cultural que envolve diversas linguagens artísticas – programação que permite traçar um diálogo com bell hooks, teórica feminista que discute questões relativas ao feminismo e fundamenta o sentido de pertencimento da pesquisadora mulher na observação e no estudo do protagonismo feminino.

A Feira, por meio de seu formato, modos de operação e estilos artísticos, possibilita um olhar para as contribuições de Alberto Melucci sobre movimentos sociais e seus modos de ação, já que esse evento se apresenta como um espaço potente de lutas e de exposição de pautas emergentes e necessárias em nossa sociedade – sobretudo na cidade de Sorocaba, uma cidade extremamente conservadora e administrada, em sua maioria, por políticos de direita e extrema-direita.

As ações, condutas e práticas dos artistas coincidem com o pensamento de Melucci (1982) sobre a busca intensa de solidariedade e identidade, podendo ser vistas como “[...] um sistema de ação que liga orientações e significados plurais” (Melucci, 1989). Além disso, seu *modus operandi* vai ao encontro do que ele afirma sobre os movimentos na atualidade:

A situação normal do “movimento” hoje é ser uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que requerem um envolvimento pessoal na experimentação e na prática da inovação cultural. Eles surgem apenas para fins específicos, como, por exemplo, as grandes mobilizações pela paz, pelo aborto, contra a política nuclear etc. A rede submersa, embora composta de pequenos grupos separados, é um sistema de troca (pessoas e informações circulando ao longo da rede, algumas agências, como rádios livres locais, livrarias, revistas que fornecem uma determinada unidade) (Melucci, 1989, p. 61).

A colaboração é o espírito da Feira do Beco do Inferno. Desde sua concepção, foi pensada e planejada de forma colaborativa por um grupo de mulheres artistas que recebe – e continua a receber – apoio de vários outros grupos, indo além do próprio evento e estabelecendo laços e conexões entre as pessoas. É evidente que os artistas se apoiam e se inspiram mutuamente, enquanto os organizadores lutam e trabalham arduamente para evoluir e manter cada edição. A organização deixa claro para o público que essa união é indispensável para fortalecer a comunidade, demonstrando, por meio de seus materiais de divulgação, a necessidade dessa parceria.

Dessa maneira, este artigo se propõe a examinar o evento e o protagonismo das jovens artistas sob duas perspectivas: 1) O evento como um acontecimento potente que vem se fundamentando como um grande movimento social, que utiliza a arte, a cultura e o espaço público de forma conjunta e coletiva para manifestações; 2) A importância da visibilidade e do espaço que o evento proporciona, em especial para mulheres, tanto na disponibilidade de participação na parte de venda de objetos artísticos quanto na programação cultural.

A presença feminina na Feira do Beco do Inferno, por meio de suas *performances* culturais, suas vozes e seu impacto na disseminação de questões políticas e sociais, torna-se um meio de conscientização tanto para homens quanto para mulheres. Além disso, fortalece as mulheres, que podem encontrar significados profundos para suas vidas em cada apresentação. hooks (2023) sinaliza a necessidade do fim do sexismo e de se educar mulheres para que tenham consciência crítica e possam lutar por políticas feministas – e ações feministas ficam muito evidentes dentro do evento.

Nesse contexto, este estudo tem como objetivo geral conhecer as ações das mulheres dentro de um evento artístico e cultural que se apresenta potencialmente como um grande movimento

social, capaz de refletir e influenciar as dinâmicas culturais, políticas e sociais na cidade de Sorocaba. De forma mais específica, busca-se: identificar como se dá a participação das mulheres no evento e os diferentes papéis desempenhados por elas com relação ao protagonismo feminino nas lutas políticas, culturais e sociais; e investigar o impacto do evento na vida e trajetória dessas mulheres, avaliando como a participação as afeta pessoalmente e influencia a comunidade para reflexão e debate político.

Metodologia

Esta pesquisa insere-se no campo da abordagem qualitativa, por meio de uma investigação capaz de compreender mais profundamente as experiências, as perspectivas e os significados atribuídos pelas mulheres às suas ações dentro do evento artístico e cultural Feira do Beco do Inferno, permitindo uma análise detalhada dos contextos e das dinâmicas de suas participações e contribuições.

A abordagem qualitativa em pesquisa permite revelar percepções da realidade de maneira sensível e expor o que, muitas vezes, está oculto na subjetividade das ações e das relações humanas. Denzin e Lincoln (2011) afirmam que a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas que podem ser interpretadas de maneira a deixar o mundo visível. Nesse sentido, é crucial tal abordagem para captar as nuances das experiências das mulheres, que muitas vezes são ignoradas ou subestimadas.

A pesquisa teve início em 2022, no momento do retorno presencial do evento, que precisou fazer uma pausa em virtude da pandemia de covid-19. Nesse momento, começaram as investigações sobre os modos de organização e realização da Feira desde sua origem. Alguns métodos, além da investigação bibliográfica, foram utilizados para compor esta pesquisa. Um deles foi a entrevista semiestruturada, levando em conta as orientações de Rosália Duarte (2002, p. 141):

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado.

Foram entrevistadas três jovens, sendo duas expositoras e uma integrante da parte de apresentações culturais. As entrevistas foram realizadas por meio do *Google Meet*¹, transcritas e analisadas. Uma organizadora do evento, Flávia Aguilera, também foi fonte de informações, tanto por meio de entrevista quanto de conversas informais. Ela também disponibilizou diversos documentos essenciais para as análises, tanto produzidos pela própria organização do evento quanto emitidos por órgãos e departamentos municipais. Nessa acepção, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 6) afirmam:

Recuperar a palavra “documento” é uma maneira de analisar o conceito e então pensarmos numa definição: “documento: 1. declaração escrita, oficialmente reconhecida, que serve de prova de um acontecimento, fato ou estado; 2. qualquer objeto que comprove, elucide, prove ou registre um fato, acontecimento; 3. arquivo de dados gerado por processadores

¹ Plataforma de reuniões online, com possibilidade de gravação de imagem e som.

de texto” (HOUAISS, 2008: 260). Phillips (1974: 187) expõe sua visão ao considerar que documentos são “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”.

Os documentos possibilitaram compreender tanto o funcionamento do evento quanto os entraves enfrentados para sua realização. Os documentos produzidos pela organização fornecem dados numéricos sobre o perfil dos artistas envolvidos, dos participantes-espectadores e da geração de trabalho e renda. Já os documentos emitidos pela Prefeitura Municipal versam sobre as exigências para a realização da Feira e sobre a negativa de auxílio e de inclusão do evento no calendário oficial da cidade.

A observação participante também foi essencial, uma vez que a pesquisadora esteve presente em todos os eventos realizados após o retorno presencial, participando, até o momento, de oito edições. Nessas ocasiões, foi possível observar o funcionamento do evento, a atuação dos artistas nos estandes e nas apresentações culturais, o fluxo de público, bem como a intensidade e a potência que o evento representa. Para May (2001, p. 177), a observação participante é compreendida como: “O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo”.

É crucial dizer que as redes sociais *Instagram* e *Facebook* foram fundamentais para a construção de dados e análises, já que são as principais ferramentas utilizadas pelos organizadores como meio de divulgação e de arquivamento dos eventos anteriores.

O evento e seu contexto

A Feira do Beco do Inferno é um evento idealizado e produzido de forma independente, aberto ao público e gratuito, que se caracteriza como um acontecimento no qual se reúnem diversas pessoas com objetivos similares (Zitta, 2011), tendo nascido da necessidade, por parte de alguns artistas da cidade de Sorocaba, de terem um espaço para exposição e venda de suas obras, bem como para a divulgação de suas ações culturais e pautas políticas.

A Feira leva esse nome em virtude do local onde teve seu início: a Rua Leite Penteado, popularmente conhecida como Beco do Inferno – local que abrigou dez edições do evento, considerado o mais transgressor da cidade. O nome histórico da rua está ligado à antiga prática de despejo de barris de fezes e urina naquele local, provenientes da cadeia e da Câmara Municipal de Sorocaba, localizadas próximas à rua, resultando em um odor fétido. Esse fato é descrito por Maurício Sérgio Dias em seu livro intitulado *Minha rua, nossa história: personagens e fatos que dão nome às ruas de Sorocaba*. O autor também aponta outros motivos, menos prováveis, para o nome, como o fato de este ser o antigo caminho feito com os condenados ao suplício (Dias, 2002, p. 154).

A Feira, que começou de forma tímida, viu ao longo de suas edições o número de público espectador aumentar significativamente, assim como cresceu o interesse de novos artistas em participarem. Esse crescimento gerou a necessidade de alterar seu local de realização, passando a acontecer na Praça Frei Baraúna, localizada na região central da cidade de Sorocaba, que conta com mais de 8 mil m² de jardins. Essa praça abriga uma edificação utilizada por muitos anos como espaço cultural gratuito e aberto à população, chamada de Oficina Cultural Grande Otelo, que hoje, mesmo sendo um edifício tombado pela Defesa do Patrimônio Histórico de Sorocaba desde 2012, se encontra sem uso e sem manutenção.

Prestes a realizar sua XXVIII edição, o evento conta hoje com mais de 180 expositores, uma área montada especialmente para crianças, com atividades durante todo o dia acompanhadas por profissionais da recreação, uma área gastronômica e uma programação cultural com apresentações de diversos estilos artísticos ao longo do dia.

Os expositores fazem uma inscrição prévia e são selecionados pelos organizadores, que dão prioridade a mulheres pretas, mães solo, pessoas do grupo LGBTQIA+², indígenas, pessoas com deficiência e artistas que pretendem participar pela primeira vez do evento. Não é exigida estrutura

2 Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual e identidades outras.

padrão de montagem para os estandes, o que facilita a participação dos artistas, não gerando custos extras. É necessário apenas o pagamento de um valor simbólico de inscrição, que pode inclusive ser isento para esse público prioritário e, também, para pessoas que comprovem renda de até meio salário-mínimo mensal. Todas essas condições e o formulário de inscrição são divulgados por meio das redes sociais do evento, e a lista de selecionados também é disponibilizada em *link* acessível por essas plataformas.

Desde sua primeira edição, a Feira do Beco do Inferno consolidou-se como um ambiente que, além de oferecer entretenimento nas áreas da arte e da cultura, também promove informação, denuncia questões sociais e se destaca por ser um evento contra-hegemônico, transgressor das normas e condutas sociais. É dado espaço e visibilidade para toda categoria de minorias sociais; ações políticas que ferem os direitos dos trabalhadores, das mulheres, dos indígenas e dos cidadãos de forma geral são expostas e denunciadas. Essas denúncias são realizadas diretamente de forma presencial e, também, ficam registradas em fotografias com longos textos nas redes sociais, o que gera, de certa maneira, um grande alcance entre as pessoas que acompanham o evento.

Dado o formato do evento e suas características, alguns entraves são enfrentados pela organização para sua realização, como dificuldades de aprovação para uso do espaço público e necessidade de cumprimento de inúmeras normas e exigências impostas pelo poder municipal, entre elas a contratação de segurança, ambulância, locação de banheiros químicos e geradores de energia.

Faz-se necessário explicar os motivos pelos quais tantas exigências são feitas e o porquê de ser tão complicado conseguir a autorização para a realização do evento. Logicamente, muitos itens se fazem necessários para se organizar um evento com segurança e eficácia, porém é importante ressaltar que existe um entrave relacionado às características da cidade de Sorocaba. A cidade apresenta perfil conservador e religioso, evidenciado pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontavam, em 2010, quase 500 mil habitantes cristãos, de um total de 695.328.

No cenário político, a cadeira executiva da Prefeitura, há décadas, é ocupada por representantes de partidos de direita, extrema-direita e centro. Uma exceção que evidenciou certo desejo de mudança em parte da população ocorreu em 2016, quando o candidato Raul Marcelo, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), alcançou 41,52% dos votos no segundo turno.

Esses fatores são relevantes ao considerarmos o fato de a organização do evento não conseguir sua inserção no calendário municipal de eventos. A justificativa, documentada pela Comissão de Justiça da Câmara Municipal, baseia-se na nomenclatura do evento, alegando que ela contradiz o espírito normativo trazido pela Constituição Federal e pela Lei Orgânica, que, em seus preâmbulos, invocam a proteção de Deus como norteadora dos ordenamentos jurídicos – portanto, o nome “Inferno” não estaria de acordo. Esse argumento tem sido um dos fundamentos para negar reconhecimento institucional à Feira, o que também ajuda a compreender por que parte da população da cidade, majoritariamente conservadora, se incomoda com o evento.

A Prefeitura Municipal, responsável por conceder autorizações para a realização de eventos em praças públicas, passou a cancelar eventos que já haviam sido previamente autorizados, tomando essa medida sem tempo hábil para um reagendamento que não prejudicasse o evento. Além disso, instaurou inúmeras regras para a realização de feiras em praças públicas, regras que, inclusive, se equiparam às exigidas para grandes *shows* de artistas musicais, que demandam estrutura física complexa.

Os organizadores alegam perseguição por parte da Prefeitura e relatam diversas ações voltadas a dificultar a realização da Feira do Beco do Inferno. Afirmam também que lhes é negada até mesmo colaboração mínima, como a disponibilização de barrica de água potável e a autorização para utilizar os pontos de luz da praça. Flávia, a produtora que concedeu entrevista e disponibilizou inúmeros documentos, considera absurdas as exigências que passaram a ser feitas desde a mudança de governo na cidade.

Ela entende que, com a entrada do prefeito Rodrigo Manga, do Partido Republicanos, as coisas passaram a ficar mais difíceis. Segundo ela, o evento não exige uma estrutura complexa de montagem: não conta com palco ou estruturas metálicas, nem com iluminação ou efeitos especiais, sendo todas as apresentações realizadas no solo. As barracas de exposição também são erguidas

sem grandes estruturas, e os artistas utilizam mesas, cadeiras, cangas no chão ou tendas de praia – o que, de acordo com Flávia, não justificaria a exigência de tantas Anotações de Responsabilidade Técnica (ARTs)³ que vêm sendo solicitadas.

Essa percepção sobre a dificuldade de executar o evento também é sentida pelos artistas envolvidos e pelo público participante, que chegaram a mobilizar campanhas *online* em plataformas de redes sociais em apoio à Feira e cobrando da Prefeitura Municipal maior suporte e menos burocracia.

Ao longo do tempo, os organizadores do evento foram se aperfeiçoando na questão da produção, aprendendo técnicas e regras necessárias para seu desenvolvimento. Hoje, inclusive, conseguiram registrar uma associação, o que garante maior acesso a apoios, participação em editais públicos e possibilidade de angariar verbas públicas para a produção do evento.

Desenvolvimento e resultados

Este trabalho foi desenvolvido associando as teorias que versam sobre os movimentos sociais e o feminismo às participações recorrentes no evento e a algumas entrevistas realizadas com artistas e com uma produtora do evento, que foram essenciais.

Na 20ª edição, foram enaltecidas e divulgadas cinco importantes mulheres sorocabanas: 1) Francisca da Silveira Queiroz, professora, uma das criadoras do Centro de Cultura Pedagógica, voluntária da Revolução Constitucionalista e a primeira mulher a se candidatar a vereadora em Sorocaba; 2) Alzira Corrêa (Alzira Sucuri), figura folclórica da cidade; 3) Salvadora Lopes Peres, líder operária, sindicalista e primeira mulher eleita vereadora em Sorocaba; 4) Joanna Assis Monteiro, mais conhecida como Joaquina, operária fiandeira da Fábrica Santo Antônio; 5) Maria Aurora de Oliveira Zuppo, operária da Fábrica Santa Maria, que teve causa ganha em processo contra a Companhia Nacional de Tecelagem, que não reconhecia sua função de mestra exercida dentro da fábrica.

Na mesma programação, Lourdes Jéssika Moraes, Jakeline Moraes e Laryssa deram voz à apresentação: “A cada 23 min”, baseada em dado divulgado em campanha pela Organização das Nações Unidas (ONU), que aponta que, no Brasil, um jovem negro morre a cada 23 minutos. A programação incluiu mulheres poetisas, outras confeccionando bonecas, dançando, tocando, desfilando, atuando como modelos vivas, ensinando outras mulheres a cuidarem de seus cabelos cacheados e debatendo polêmicas e estigmas femininos.

Em uma das edições da Feira, ocorrida em 2022, foi possível observar uma denúncia feita no palco: “Eu não queria ser mulher, eu não queria ser mulher em pleno século XXI minha gente, onde vitimizam o estupro e para ele ser julgado inventam até o estupro culposo”⁴. O fato despertou a pesquisadora para a grandiosidade que é ter mulheres feministas mostrando suas vozes, suas artes e expondo suas dores em praça pública, em uma cidade do interior paulista.

Apenas nas últimas quatro edições do evento, foram mais de 20 mulheres em ação no palco. Percebe-se o protagonismo e a representatividade de mulheres e a abordagem de pautas raciais e de orientação sexual, além de representações indígenas e populares brasileiras – e, sobretudo, pautas feministas.

Em todas as Feiras, há mulheres protagonizando momentos importantes de reflexão sobre seus corpos, suas vidas, suas dores e dificuldades cotidianas de serem mulheres cis, mulheres trans⁵, mulheres trabalhadoras, mulheres mães – e simplesmente mulheres. Ao longo do evento, são muitas as artes expostas com foco nas mulheres, e a programação cultural é permeada por pautas importantes de suas lutas.

hooks (2013) defende a existência de cartilhas feministas e panfletos em que o feminismo

³ Trata-se de um documento legal que identifica o responsável técnico por um serviço prestado ou uma obra realizada.

⁴ Essa fala se deu na apresentação do Slam015, um coletivo de poesia de calçada entre becos e quebradas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cd01Q9As3U0/>. Acesso em: 15 maio 2023.

⁵ Mulher trans é a pessoa que nasceu com o órgão genital designado como masculino, com base em características físicas, mas que se identifica e vive como uma mulher. Isso significa que, embora seu sexo biológico seja masculino, sua identidade de gênero é feminina.

fosse divulgado em espaços de mídia aberta e em meios de transporte coletivo, para que mais pessoas pudessem entender, aprender e apreender seus conceitos. Destaca que isso não foi atingido, mas que partilhar o movimento feminista é uma necessidade para atingir a mente e o coração das pessoas de forma positiva, mostrando que “[...] o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista” (hooks, 2023, p. 24).

Para além das observações presenciais, as entrevistas realizadas corroboram a visão da importância desses espaços para as mulheres. Ana, 22 anos, nascida em Sorocaba, que trabalha com artesanato no evento e atualmente é estudante, ao ser questionada sobre como se sente e o quanto percebe que as pessoas no ambiente se parecem com ela, afirmou:

Acho que a Feira é um espaço socialmente muito, muito aberto. Então, eu tenho muito pra mim que é um ambiente que todo mundo lá, principalmente em relação a mim, tem uma mentalidade muito parecida, mesmo que sejam pessoas de idades distintas. É, eu vejo muito como um ambiente onde eu também me sinto muito confortável, por ser muito socialmente aberto e popular. Então, acho que não muito nesse quesito de idade, mas de questões políticas e sociais (Ana, estudante entrevistada).

Ela ainda acrescentou que participa do evento não apenas por ganhos financeiros, mas em virtude da “[...] experiência de estar ali, mesmo que seja uma fonte de lucro ali, tal, acho que o nosso lado, de maneira pessoal, é mais pendente pro lado político-social da Feira”. Ana também enfatizou que vê o evento como um ambiente muito educativo, acolhedor e respeitoso:

[...] eu vejo que a Feira trata de maneira muito respeitosa todo mundo que eles incluem, e a própria organização da Feira traz feirantes de outras áreas, às vezes até mesmo pessoas que não são de Sorocaba e que têm outra cultura, que têm outra forma de vida. Já trouxeram, e isso tudo tratando de maneira muito respeitosa, uma forma muito educativa de ver outros tipos sociais. Acho que é um ambiente muito educativo, na verdade (Ana, estudante/artista entrevistada).

As falas com a percepção da importância política e social do evento foram recorrentes entre as entrevistadas, que identificam, apoiam e demonstram participar não apenas com a intenção de vender suas obras e gerar ganhos financeiros, mas também com o objetivo maior de fazerem parte desse grande coletivo de pessoas que se unem e utilizam o espaço público e o tempo do evento como palco para militância, denúncias, conscientização e transmissão de informações.

Emily, 18 anos, produtora de joias sustentáveis, trabalha no evento juntamente com sua mãe, cursa faculdade de veterinária por meio do Programa Universidade para Todos (Prouni) e deixou clara a importância de trabalhar a sustentabilidade em suas produções, o que mostra que pautas emergentes também são pensadas, tratadas e expandidas pelos artistas por meio de suas artes.

Ela percebe o evento como um espaço político e afirmou que ele é voltado para a “esquerda”, observando também a presença maciça de mulheres no ambiente, que, segundo ela, são maioria:

É uma feira mais voltada para a esquerda, que... as meninas ali, na verdade, nós somos a maioria, e apoia as coisas sociais, que não têm preconceito, que não discriminam ninguém. Então, acho que as pessoas se sentem acolhidas – e pela arte também. A arte tem teor político, econômico [...] eu lembro até hoje de umas sacolinhas que falavam mal do Bolsonaro, com teor político envolvido, e achei super legal, achei super impactante, porque você olha e meio que se identifica e acha engraçado, mas não só essa – em várias obras, com críticas sociais, políticas, apoiando a comunidade LGBT, mulheres... (Emily, produtora de joias/artista entrevistada).

Emily notou que a Feira do Beco do Inferno gera incômodo para a sociedade de Sorocaba e enfatizou que isso não deveria acontecer, considerando o quanto o evento gera de renda para a cidade e para os trabalhadores do campo da arte e da cultura. Além disso, ela afirmou que muitas pessoas se incomodam ao se depararem com o público LGBT, ao ouvirem falar sobre feminismo ou ao presenciarem momentos que dão visibilidade a pessoas trans:

[...] então, como eu estava dizendo, não deveria ser um incômodo, porque a gente está gerando capital, porque as pessoas que vão na feira compram dos artesanos ou consomem algum produto e, querendo ou não, você está movimentando a economia da região. Incomoda para quem vai contra tudo que a feira apoia, daí eu acredito que incomode. Porque, se a pessoa não gosta, não apoia essas causas LGBT, feminismos, causas de visibilidade trans, e se ela for numa feira e ver pessoas trans, pessoas gays, ela vai ficar incomodada e vai achar que aquilo é um incômodo público (Emily, produtora de joias/artista entrevistada).

Mari, a terceira entrevistada, tem 20 anos, mora com o namorado e não tem mãe nem pai. Ela fez parte de uma das programações culturais, onde apresentou suas composições e rimas. Ela se declarou como musicista, MC, atriz e também *designer* de roupas. Mari explicou suas motivações para participar da Feira do Beco:

Eu acho que menos a parte do financeiro, porque eu estava ali voluntária. Eu acho que todas as outras questões envolvem... eu sempre gostei de ir na Feira do Beco, desde quando eu era mais nova eu encostava. Daí, quando me chamaram, eu achei muito legal, porque eu acho que é uma feira muito acolhedora com as pessoas, e eu gosto do que ela representa [...]. Um lugar que a gente pode ser a gente, sem medo, e eu gosto de estar nesses lugares em que a gente é aceito e as pessoas respeitam a gente. [...] tenho certeza que gera impacto político e social, tipo, pelo menos aqui nessa cidade com esse prefeito feio que a gente tem. Ele fica muito atacado, porque, tipo, mano, é todas as minorias juntas e, sabe, eles não gostam disso. E isso é muito legal, porque quando a gente vai contra coisas ruins assim, sabe, óbvio que vai gerar um desconforto para essas pessoas – e principalmente para essas pessoas da política aqui dessa cidade que não sabem o que estão fazendo. Tipo, eu adoro [risos] (Mari, artista entrevistada).

Ela complementou com dizeres que deixaram clara a percepção que tem sobre a dificuldade de se inserir no contexto da cidade de Sorocaba e a dificuldade que existe para as minorias terem espaço de representatividade:

Eu ainda acho que bastante pessoas são muito conservadoras e veem artistas como marginais. Então, tipo assim, a gente nunca é valorizado, sabe? E quando eles veem, por exemplo, sei lá, uma pessoa que tá indo lá naquela praça e nem sabe o que está acontecendo, e tem um monte de artista, de gente que é minoria, sabe? São pessoas que sofrem preconceitos sempre e estão lá expondo a arte delas e fazendo acontecer, do jeito delas. Isso choca muito as pessoas, quando elas saem daquela bolha de que tipo: a gente não pode fazer as coisas. Pô, a gente pode também! Tendo espaço, as pessoas vão ficar incomodadas, tipo, é um choque para elas, não é o que elas querem. Acho que isso deixa as pessoas muito incomodadas (Mari, artista entrevistada).

Fica evidenciado, tanto pelas observações feitas presencialmente em campo quanto pelas entrevistas realizadas, que o evento tem um grande impacto – tanto para os artistas quanto para as pessoas que participam dele como espectadoras e vivenciam todas as experiências que são propostas no ambiente.

A Feira do Beco do Inferno funciona como um movimento social e cultural, proporcionando um espaço para diversas lutas e disputando os significados históricos da sociedade. Esse ambiente cria um discurso sobre essas disputas, destacando a luta pelo “*direito de ser diferente*” (Melucci, 1989, p. 63), pelo direito de ter suas necessidades atendidas e pelo direito à participação e cidadania.

Considerações finais

A partir da participação e observação no evento e com as entrevistas realizadas, ficou evidente que ele se comporta como um grande movimento social, gerando impacto para seus participantes em todas as instâncias – o que, no cenário da cidade de Sorocaba, é essencial para representar e dar voz às pessoas que são consideradas minorias sociais.

A Feira do Beco do Inferno é mais do que um evento cultural e social; é uma plataforma de inclusão que oferece espaço para a expressão artística, o ativismo político e o fortalecimento das minorias sociais, especialmente das mulheres. Desde sua criação, a Feira tem sido um palco onde artistas podem não apenas exibir e vender suas obras, mas também engajar-se em um diálogo profundo sobre questões sociais e políticas. A colaboração, que é o cerne do evento, fortalece os laços comunitários e proporciona um ambiente respeitoso para artistas e participantes.

As experiências das mulheres na Feira, de acordo com os relatos, demonstram a importância de espaços que promovem a visibilidade e o protagonismo feminino. Por meio de suas *performances*, artes, artesanatos e debates, essas mulheres não apenas compartilham suas habilidades e seus conhecimentos, mas também lançam luz sobre as questões que afetam suas vidas e comunidades.

Ter mulheres libertas e auxiliando o movimento feminista, comunicando de forma expansiva para outras mulheres e, também, para homens a realidade que as atinge, é um passo para atender ao pedido de hooks (2023, p. 24): “Que o movimento comece novamente”.

A metodologia qualitativa utilizada nesta pesquisa permitiu uma compreensão profunda das experiências e dos significados atribuídos pelas participantes ao evento. As entrevistas revelaram que a Feira não só oferece uma oportunidade de ganho financeiro, mas também um espaço seguro e acolhedor, onde as mulheres podem se sentir empoderadas e parte de um movimento maior. O evento desafia a hegemonia cultural e política da cidade de Sorocaba, promovendo um discurso inclusivo e transgressor, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Feira do Beco do Inferno exemplifica como um evento cultural pode transformar-se em um movimento social significativo, oferecendo não apenas um espaço para a arte, mas também para a resistência, a solidariedade e a luta pelos direitos humanos. A presença e o protagonismo das mulheres no evento são fundamentais para sua continuidade e impacto, reafirmando a importância de espaços de representatividade e visibilidade para todas as minorias sociais. Este estudo reforça a necessidade de apoiar e expandir iniciativas como a Feira do Beco do Inferno, que promovem a inclusão, a diversidade e a justiça social.

Referências

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2011.

DIAS, Mauricio Sergio. **Minha rua, nossa história**: personagens e fatos que dão nome às ruas de Sorocaba. 1. ed. Sorocaba: Linograf, 2002.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>

HOOKS, Bell. Recusando-se a ser uma vítima. **Feminismo Radical**, [s. /], 2013. Disponível em: <https://we.riseup.net/radfem/recusando-se-a-ser-uma-v%C3%ADtima-bell-hooks>. Acesso em: 23 fev. 2022.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuví Libanio. 20. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MELUCCI, Alberto. **L'Invenzione del presente**. Movimenti, Identità, Bisogni Individuali. Bolonha: Il Mulino, 1982.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais. Tradução: Suely Bastos. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 17, p. 49-66, jun. 1989. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451989000200004>

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

ZITTA, Carmem. **Organização de eventos**: da idéia à realidade. Brasília: Senac Distrito Federal, 2011.

Recebido em 13 de junho de 2024
Aceito em 30 de janeiro de 2025